



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



Só que essa renda não entra na estatística, porque isso não é renda do trabalho. A estatística registra renda do trabalho, do capital, a renda monetária. Não registra a distribuição direta de renda, que é o que se está fazendo com esses programas. Não são suficientes, estamos longe de imaginar que o sejam.

E nem a solução efetiva de cidadania é a distribuição sob a forma de programas sociais. A melhor distribuição é sob a forma direta de emprego. Mas é preciso não deixar de dizer que hoje, pela primeira vez na nossa história, existem programas organizados, contínuos, com recursos que recolhem o equivalente a todo o Imposto de Renda da pessoa física e jurídica, da parte que cabe à União Federal e vai diretamente para os mais pobres. E é para os mais pobres mesmo.

Por outro lado, dado o acesso à educação, dado o acesso à saúde, que começa a ampliar, nós podemos dizer que a qualidade de vida, a despeito da renda do trabalho não ter crescido na proporção que nós queríamos, a qualidade de vida dos mais pobres avançou.

E, para mim, isso é tão importante quanto a estabilidade. A estabilidade é condição necessária para que haja outros programas. Mas eu cansei de ouvir dizer: "Ah, tem estabilidade, mas não houve progresso social." Não é verdade. Não é suficiente esse progresso, mas houve.

E o mais importante: esse progresso também veio junto com a democracia. Porque, hoje, a comunidade demanda, as organizações não-governamentais demandam, toda a gente demanda, pressiona. De tal maneira que, queiramos ou não, nós, que somos dirigentes políticos, e os que vierem a ser, seremos os que serão obrigados a continuar no caminho de criar um país menos injusto.

Fui eu quem formulou uma frase, há alguns anos, em que dizia: "O Brasil não é um país pobre, o Brasil é um país injusto." Isso é verdade. Nós somos uma das, pelo menos, dez maiores economias do mundo, mas somos injustos. Estamos diminuindo essa injustiça.

E só se diminui essa injustiça se se mantiver acesa a idéia da democracia, da cidadania, da participação, da liberdade, da organização autônoma da sociedade, que leva as burocracias a atuarem de uma maneira

ra mais conseqüente e que obriga as lideranças políticas a atuarem em consonância com a vontade da maioria da população.

De tal maneira que esse clamor bonito, da criança, contra a desigualdade, é verdadeiro e nos leva a continuar trabalhando nessa direção. Mas nós já começamos. Nós já começamos. Só que são processos; não são atos. Há sempre a idéia de que: "o Presidente baixa – se for Medida Provisória, então, maravilha – baixa uma Medida Provisória, está tudo feito." Ah, se fosse assim! Eu teria baixado, a igualdade já estaria, aqui, assegurada. Mas não são atos, são processos, leva tempo. E não é de Governo, é do conjunto da sociedade. É o Governo com a sociedade, atuando em consonância, em convergência, que nós vamos, pouco a pouco, formando uma sociedade mais dinâmica, mais democrática.

Se nós não formarmos essa sociedade mais dinâmica e mais democrática, não adianta a economia crescer, como pediu Hélio Jaguaribe, a 7%. Eu me recordo do tempo em que cresceu a 7%. Eu escrevi um livro sobre São Paulo, chamado *São Paulo, Crescimento e Pobreza*. E comparei, quando esse livro fez 25 anos, no ano 2000, os dados de 1975 com os dados de 2000 aqui, na cidade de São Paulo. A área social melhorou enormemente, a renda do mais pobre aumentou enormemente. Não adianta crescer a 7%, é uma ilusão. O que tem que haver é desenvolvimento, não é crescimento. É participação de todos, é a distribuição mais equitativa. São programas que sejam efetivos, sem corrupção, que cheguem aos mais necessitados. É uma dinâmica diferente. Tomara que fosse possível crescer a 7. Não sei. Não sei e não sei por que. E direi porque tenho as dúvidas quanto ao grau de crescimento.

A indústria pode crescer, de repente. A agricultura já cresceu, em mais de um momento, em taxas muito elevadas. Mas, qual é o nosso problema, hoje? Temos vários, obviamente, um deles já mencionei: é que, no modo moderno de crescer, contemporâneo, nós temos que crescer com crescimento social, com mais igualdade, com mais acessos, com gente melhor formada, com pressão da base. Isso é um processo, não é de repente.

E não se cresce mais a economia explorando a força de trabalho, pagando mal a uma força de trabalho não qualificada. Não é por aí.

Tem que qualificar essa força de trabalho e não se pode explorá-la. Tem que fazer com que o que se agrupa na economia seja melhor dividido. Não é simplesmente dividir o que já tem, porque, aí, vamos todos para a pobreza. Mas, é agregar mais e, ao agregar, dividir.

Bom, mas não é só isso. É preciso refazer as bases do crescimento. De alguma maneira, é o esforço que está sendo feito. Aqui eu vi alguns que receberam prêmios, que estão na área de energia, a área do "apagão". Pois bem, de alguma maneira, na própria área da energia, nós estamos construindo, ou já construímos, 24 hidrelétricas. Quantos países do mundo fazem isso? Com toda a crise, com toda a crítica, com todos os desmandos, 24 hidrelétricas. Algumas de porte imenso.

Fui, na semana passada, a Tucuruí. Nós estamos dobrando a produção de Tucuruí, de 4 mil megawatts para 8 mil e poucos megawatts. Itaipu tem 11, 12 mil megawatts. Tucuruí é quase uma Itaipu. Nós a estamos transformando em quase uma Itaipu.

O Governo Geraldo Alckmin mencionou não uma hidrelétrica, uma termelétrica, que é Piratininga. Quem sabe no Rio haverá a "Termorio", e há outras "termos" que estão por aí, em construção. Por quê? Porque nós precisamos melhorar a nossa infra-estrutura.

Falava-se tanto dos portos. Era quase impensável, primeiro, passar, aprovar uma Lei de Portos. Foram anos. Quantos de nós discutimos e conversamos sobre a Lei dos Portos? Depois, que haveria uma resistência à implementação da lei, e houve. Mas a lei está implementada.

E o porto de Sepetiba, no Rio de Janeiro, hoje começa a ter preços que se aproximam dos de Roterdã. Bom, o porto de Santos está sendo melhorado. Ainda é elevado o custo, mas está abaixando, e vai baixar mais, quando nós avançarmos mais na regionalização do porto, quando nós fizermos o Anel Ferroviário necessário para entroncar as estradas de ferro com o porto.

Nós fizemos vários portos novos no Brasil, nesses anos, como Pecém – alguns, talvez, nem tenham ouvido falar – e Suape, para mencionar os dois que são mais conhecidos. Reformamos o porto de Rio Grande. Foi feito o porto de Sepetiba, que é um *hup*, que é um porto de grande profundidade e pode redistribuir para os outros portos. Isso foi feito.

Falava-se que as nossas ferrovias eram matéria imprestável até para ser privatizada. Foram privatizadas, algumas delas renovadas. E quem for ver aquela estrada que sai de São Paulo cruza uma ponte belíssima, entre São Paulo e Mato Grosso do Sul sobe na direção – já passou por Mato Grosso do Sul – de Mato Grosso propriamente dito, vai notar que já é possível escoar a produção de grãos, que aumentou imensamente, através de ferrovias. Houve uma reforma, não completa, ainda, falta muito, mas já existe a ferrovia como uma forma de transporte.

Também a hidrovia. Muita dificuldade, porque temos que respeitar o meio ambiente e os procuradores do meio ambiente que, muitas vezes, são até exagerados, na busca de uma solução que lhes pareça adequada. Mesmo assim, uma outra parte da nossa safra de grãos sai pelo Rio Madeira e vai lá, para o Amazonas. E, agora, lá em Tucuruí, estamos fazendo uma clausa, que é para permitir que o rio Tocantins também sirva para escoar produção.

E a produção de grãos, no Brasil, que em 91 era de 56 milhões de toneladas, o ano passado foi de 100 milhões de toneladas. Aí, ouvi muita crítica: “A área agriculturável não está se expandindo.” Meu Deus! Está havendo um aumento de produtividade. O que melhor do que isso? Preserva o ambiente, porque não destrói mais mata e aumenta a produtividade.

E em alguns setores agrícolas nós somos infinitamente – infinitamente não gosto de dizer – mas, 40% mais de produtividade, maior que dos Estados Unidos. E não só na produção agrícola, na pecuária também. A carne do Brasil está sendo exportada – cota extra – para a Europa, onde há uma tarifa de 170%, e ainda assim chega lá e compete.

Isso é um país que está parado? Isso é um país que teve uma década perdida? Ou esse é um país, como vocês estão mostrando aqui, que tem dinamismo, tem força, tem vontade de crescer e está crescendo?

Mudamos bastante, na infra-estrutura. No setor produtivo direto, os senhores e as senhoras sabem melhor do que eu, que a preocupação era a de que nesse processo de globalização nós não ficássemos à margem. O processo é cruel. Aqueles que ficam à margem se desorganizam. Não há alternativas autárquicas, perdem o momento da história.

Eu recebi, hoje, o Presidente do México, e já ontem estávamos conversando. Alguns países aqui desta região, notadamente o México e o Brasil, conseguiram, bem ou mal, com todas as dificuldades – e já vou me referir a elas mais especificamente – conseguiram fazer o que parecia impossível: aumentar o investimento e o conteúdo tecnológico do investimento.

Nós recebemos, depois do Plano Real, não menos de 100 bilhões de dólares de investimento direto. Talvez mais. E 100 bilhões de dólares. Quando fui Ministro da Fazenda, no ano que mais se fez, foram dois.

Agora, com tremenda crise, não sei o que lá, não vêm capitais. Basta ver o que está acontecendo. Todo mês pinga, lá, investimento. Investimento de privatização? Não. Nós não estamos privatizando mais, praticamente. Investimento de expansão da produção. Será menor do que no ano passado? Pode ser. Mas esse “menor” significa, sempre, um bi e meio por mês. Isso é muito dinheiro de investimento direto. “Ah, bom, está desnacionalizando.” Será? O nosso PIB – calculemos ao redor de 600 bilhões de dólares. Ou para simplificar, um pouco menos, dizer que a taxa de formação bruta de capital fixo é de 20%. São 120 bilhões de dólares. Se recebemos 20 lá de fora, 100 são daqui. Então, 100 são de vocês. Esse “vocês” tem vocês como a Nestlé, que é naturalizada brasileira, e tem quem nasceu aqui, mas estão aqui e produzem aqui. É riqueza produzida aqui. Em grande parte, produzida até mesmo por aqueles que nasceram – as empresas que nasceram aqui, não o setor – as empresas que nasceram aqui.

Qual é a desnacionalização? Por acaso, não deslindamos os complexos problemas da siderurgia, da mineração, da celulose, da petroquímica? Anos para fazer isso, porque nosso sistema de governança era muito confuso, muito complicado. Muitos cruzamentos. Privatizamos alguns setores afobadamente. Não deu certo. Mas fomos, pouco a pouco, desatravando esses setores.

Mas talvez tão importante quanto isso é o setor de serviços, as transformações imensas pelas quais passa o setor de serviços no Brasil. Os mais notáveis são os serviços que passam por todo esse sistema de informática, internet etc. Repito sempre, até cansar, porque é um belo

exemplo: 95% do Imposto de Renda do Brasil são enviadas à Receita através da Internet – 14 milhões de pessoas. Onde se vê uma absorção tão rápida de uma tecnologia complexa no mundo? Onde se vê isso? Essa talvez tenha sido uma consequência boa e desejada pelos que trabalhavam na época da inflação, porque os nossos bancos tiveram que ter uma velocidade enorme para poder fazer face à inflação, e eles se informatizaram muito rapidamente, no setor de serviços bancários.

E no setor de telefonia? Não houve uma revolução no setor de telefonia? Os dados estão aí absolutamente vibrantes para mostrar essa transformação.

Então, mudamos muita coisa no Brasil nesses anos todos. E mais: a exportação – o que disse o Roberto Mendonça é verdade – é crucial. Eu disse uma vez, ao dar posse creio que ao Sérgio Amaral: exportar ou morrer. É verdade. Nós temos que exportar. Só que, hoje, para exportar, só vamos poder exportar porque houve uma transformação da base produtiva no Brasil. Quando a economia era mais fechada, se podia crescer a 7%, e tinha tarifa que impedia a importação, o conteúdo tecnológico não era tão elevado. Hoje, é preciso produzir com *standard* global, porque os aviões que estão aqui – o dono deles está aqui – são aviões que têm que ter um *standard* global, senão não se compra lá fora. Como é que se vai exportar sem *standard* global? E o automóvel? Não mudou? Hoje, o automóvel que se faz aqui não tem que ser o mesmo que vem lá de fora? E o aparelho de telefonia para você falar ao telefone celular? Não tem que ser o mesmo que se faz em qualquer lugar do mundo?

Mudou a qualidade da indústria brasileira. E a qualidade é tão importante quanto a quantidade. A quantidade vai depender de outras coisas. Vai depender de bom governo, em geral. Adam Smith já o disse. É verdade. Vai depender disso. Vai depender de boa sociedade, coeficiente de educação, acesso, democracia, liberdade. Mas vai depender também de conjunturas. De conjunturas que não são controladas por nós nem por ninguém.

Aqui se mostrou – e não precisava nem mostrar porque todos nós sabemos – o 11 de Setembro, nos Estados Unidos. Muito bem. Mas,

desde que assumi o Governo, não ouço falar, no mundo, a não ser de crise financeira. Em 94, houve a crise do México. Nós, aqui, tivemos, em março, um desaguisado no nosso sistema de câmbio, porque tentamos mudar o padrão de câmbio em 95. Já 96 foi um ano excelente. Podem ver os indicadores como resultado dele. Foi o melhor ano, porque não houve crise. Em 97, crise da Ásia. Em 98, da Rússia. Em seguida, a nossa, em 99. Depois, a da Argentina. Depois, dos Estados Unidos. De novo, Argentina e Brasil.

Governar, hoje, é estar preparado para crises. Pode ser que o mundo melhore. Tomara. Tomara, sou otimista. Mas, hoje, estamos vivendo um momento de transição provocado por essa mudança tecnológica da informação muito rápida, transporte rápido, uma mudança muito violenta em que centros de decisão são dispersos. Mesmo as instituições mais poderosas do mundo não têm poder suficiente para fazer frente às vagas que são desencadeadas de repente. Não tem FMI, Banco Mundial e mesmo o Tesouro Americano – talvez, este seja o que mais poder tenha – para fazer frente a coisas que ocorrem lá na Ásia, de repente, lá na Rússia, aqui no Brasil, na Argentina. O efeito se multiplica.

Então, esse mundo é um mundo de muita incerteza. Mas, se o mundo é de incerteza, não adianta estarmos somente sofrendo na incerteza. Temos que nos preparar para viver nela e superá-la. Isso, de novo, requer compreensão, conhecimento, competência e requer que fortaleçamos as nossas bases produtivas, não apenas no sentido econômico, mas também no sentido, como disse aqui, social e, mais que tudo, cultural e ter uma mentalidade capaz de fazer frente aos desafios do mundo.

Bom, já falei demais, simplesmente para reafirmar a fé que tenho no que está acontecendo no Brasil, na nossa capacidade. E hoje, agora, estou com mais fé ainda, porque, depois de ontem, eu quase fiquei morto de emoção de ver todos aqueles jogadores lá. Realmente, aquilo transmite uma energia brutal. E o País inteiro. Nunca ninguém viu Brasília tão alegre e com tanta gente na rua. A cidade, que diziam fria, tremia de emoção.

E nós todos, quantos choramos, quantos ficamos rindo, quanta alegria! Por quê? Porque houve uma vitória, que foi uma vitória construí-

da. Construída com apoio do torcedor, também. Mas, construída. E é uma espécie de reafirmação da nossa capacidade.

Será exagero? Será que o futebol tem tanto a ver com a sociedade, tem tanto a ver com a economia? Tem. Porque tem a ver com as pessoas. E o que nós precisamos, no Brasil, é de que as pessoas acreditem mais, de que as pessoas não fiquem simplesmente se lamuriando. Há os que não têm outra alternativa, a não ser se lamuriar. Mas, os que têm outra alternativa e se lamuriam, atrapalham muito. Em vez de se lamuriar, trabalhar. Em vez de ver obstáculo, ver como superar os obstáculos. Em vez de ficar o dia inteiro fazendo projeções para mostrar que está mal, ver como se resolve o que não está bem, para que possa tornar-se bem.

Eu acho que nós dispomos de energias sociais, culturais, no nosso país, para que possamos enfrentar essas incertezas. Estamos entrando nesse novo século com uma outra base. Estamos entrando com a força das nossas convicções e com a realização de muitos, inclusive dos aqui presentes, inclusive dos que aqui foram premiados, que foram premiados, certamente, porque venceram.

E nós temos que nos transformar em povo vencedor. Isso é fundamental. E temos que gostar de quem vence e não sempre ficar do lado de quem está perdendo, só porque perdeu. Se perdeu injustamente, sim. Mas, se perdeu porque perdeu, perdeu, o outro ganhou. Viva quem ganhou. E vamos em frente. É preciso ter uma mentalidade mais enérgica, nesse nosso país, para que possamos, enfim, enfrentar esse desafio do novo século. Mas, eu vejo que vamos com força.

Quero terminar agradecendo as referências que me foram feitas, muitas, do Ivan Zurita; do Geraldo Alckmin, com a generosidade do companheiro, que se referiu de uma maneira tão carinhosa a mim; do nosso Roberto Civita, que ele tem essa mentalidade de quem vence. Eu o conheço há muitos anos. Ele tem essa mentalidade de quem vence. Não desiste, persiste. E à *Revista Exame*, que expressa tão bem essa mesma mentalidade. E, principalmente, agradecer àqueles que hoje foram premiados, porque venceram. E vale a pena vencer pelo Brasil.

Muito obrigado.